

* A BELGICA *

Conferencia proferida pelo Snr. Plinio
Salgado, por ocasião da festa em prol
das crianças Belgas, realizada em SÃO
BENTO DO SAPUCAHY



1918

Typ. e Pap. do O Paraísopolis

No prezadissimo
de seu zio, esta leu-
branca affectuosa do

A. Ben 15, 16 de Abril de 1918. Plinio

✿ A BELGICA ✿

Conferencia proferida pelo S^{nr}. Plinio
Salgado, por occasião da festa em pròl
das crianças Belgas, realisada em SÃO
BENTO DO SAPUCAHY



1918

Typ. e Pap. do O Paraisopolis

EXMAS. SENHORAS, Meus Senhores

A brilhante festa que a fina sociedade de S. Bento vem hoje assistir neste alacre pavilhão, é o resultado do esforço da nossa mocidade e, além de ser o reflexo vivo dos nossos sentimentos patrióticos, resume encantadoramente e claramente destaca os mais bellos sentimentos que exornam os corações dos filhos desta terra sempre generosos e magnanimos, vibrando accordes, como agora, neste gesto de amor e solidariedade humana. Destinada a commemorar a data festiva do advento republicano e, por diversos motivos, adiada successivamente até hoje, esta alegre reunião não poderia ter uma forma mais sympathica do que a que se lhe deu, sob inspiração feliz de distincto sacerdote que esconde a sua bondade e excessivo altruismo entre os véus de uma grande modestia. Incumbido pela Commissão dos festejos pró-Belgas de vir dizer duas palavras sobre os fins da soirée nobillissima, confesso que me senti francamente satisfeito porque é sempre com a maior alegria que presto o meu fraco concurso ás causas justas, que espelham o lado luminoso da alma, a parte super-humana do coração.

A applicação dos vossos obulos ás desventuradas crianças da Belgica, varreu-me a desconfiança que deposito em minha palavra e mais tentadoramente me arrastou á vossa presença, para traçar aos vossos olhos o quadro desolador desse paiz immolado á causa da independencia e integridade das nações, desse heroico povo

que denodadamente sopitou o prodigioso runimol das tropas germanicas, que a politica nefasta de Guilherme II atirou de chofre sobre a humanidade que elle pretendia ficasse esmagada como as antigas civilisações do remotissimo Oriente, sob as patas do cavallo de Tamerlão.

Isolados dos grandes centros, nesta verde mantiqueira, cujas cumiadas abruptas de espigões beijam a casta melancolia de um céu azul e calmo, neste recanto do nosso grande Estado, ó sambentistas, sois bastante nobres para vibrar unisonos e cohesos á compaixão humana e, certo, de episodio a episodio, acompanhando a destruição desse pequenino povo arrogante e bravo, aprendestes a mais alta, a mais forte, a mais sublime lição de civismo, desde quando a espada do general Leman tomou exausta na defensiva titanica de Liege. Sem o esplendor do verbo de Ruy Barbosa, que em uma de suas magnificas conferencias, traçou, com a maestria de um Rembrant da palavra, o panorama lugubre da Belgica sacrificada, a minha pobre allocução, como a vossa bellissima festa, terão o valor e o brilho que soem ter as causas justas. E são as affirmativas do proprio orador patricio, em cuja narração me estribo nesta palestra, que me animam e devem animar-vos. “As causas boas (diz elle) vingam pela santidade que basta apparecer para ser reconhecida, como a deusa antiga na magestade silenciosa de seu andar. A tribuna humana só se abraça com a inspiração do genio. Mas o verbo de Deus arraia de luz o mais obscuro recanto do mundo, onde se levante uma voz apostolando a lei de Jesus.”

A lei de Jesus é a lei do amor. E' a lei que deve reger todos os nossos actos, fixando os limites dos nossos interesses, oppondo um dique ao nosso egoismo, collocando sobre cada desejo perfido a pedra de uma abnegação. E' a lei que estabelece o equilibrio do soffrimento humano, que enxuga os prantos dos desesperados, que cessa o furor das nossas ambições, que inipõe o respeito ao nosso semelhante, que aplaca as tempestades dos nossos corações. E' ella que secca as lagrimas dos tristes, que consola a afflicção chorando com os afflictos, que

nos leva, ás escondidas e como se praticassemos um crime, a abrir as mãos para a miseria alheia, dando pão a quem tem fome. asylo a quem não tem onde pouzar a cabeça para dormir, vestuario a quem o necessita, conselhos aos duvidosos, carinho, ternura aos que padecem. Lei sublime que um imperador philosopho, Marco Aurelio, mandou gravar na formula de bronze de um preceito immortal; lei divina que synthetisa o decalago israelista, lei de Jesus praticada pelo anjo que se chamou São Francisco, lei que hoje aqui nos traz nesta festa ridente, em que desabrocham as flores mais puras da nossa alma. O nosso secu'o definha sobre o pesadello das theorias materealistas. Aquelles, porém, que nada creem, que o sceptismo das philosophias modernas atirou no pelage hiante da Negação, guardam ainda, ficae certos, uma secreta duvida, diante desse sentimento tão notavel no coração humano, propenso á maldade, enclausurado no instincto de conservação e no egoismo individual, boiando não raro no tremendal dos mercadejamentos mais vis, onde tudo se vende: — o affecto, o amor, a dignidade, a honra, tudo sob o rotulo miserando dos preconceitos sociaes que tudo procuram envolver, até a santidade das leis e das religiões. A Caridade, nestes tempos em que o espirito humano, dissecado pelos scien-
tistas, é o resultado venenoso das vibrações vitaes do plasma genetriz e que portanto o coração é a flor bizarra onde residem num perenne tumulto os instinctos animaes, a Caridade nestes tempos é o vinculo entre os homens e Deus, a unica scentelha capaz de perpetuar a crença porque é o derradeiro reflexo do Cèu sobre a miseria da terra. Eu vos felicito, ó meus conterraneos, porque sois caridosos, porque acorrestes sollicitos ao convite da Commissão dester festejos, porque lembrastes a desventura dessas pobres creancinhas, orphans de pai, que do outro lado do oceano erguem os bracinhos nus, sofrendo com a dor da orphandade as agruras da miseria. Possa chegar o nosso pequeno obulo como uma caricia ás infelizes creancinhas da Belgica!

A Belgica bem merece o nosso amor.

Ella foi immolada no altar do despotismo, como um holocausto pedindo aos céos compaixão pela humanidade. "Estava, diz Ruy Barbosa, "materialmente descoberto o plano de incommesuravel gigantez que devia encerrar o mundo nos tentaculos da potencia universal: -- A Franca remutilada; a Belgica absorvida; subjugada a Inglaterra dominados os Balkans; a Turquia protegida; a Russia de pés e mãos amarrados pelo Báltico e pelo Mar Negro para o desmembramento projectado. D'ahi a marcha para o Egipto, á Persia e para a India, a desorganisação do Imperio britanico, o assalto aos Estados Unidos agora mesmo já ensaiado na tentativa de arremessar contra elle a Republica mexicana; o levantamento certo, infallivel, já prompto, da germania brasileira e, com a sua proclamação, aberto caminho e transposta a maior difficuldade, para a absorpção ulterior da America do Sul, desde as colonias do Panamá até ao cabo Horn, no bojo do colosso". E a Allemanha levava a firme convicção da victoria. Preparada de geração em geração para essa empreza formidanda, os seus generaes levavam, com o immenso orgulho, a certeza mathematica do triumpho. Mas a primeira decepção foi a resistencia gigantesca de Liège. E por que a Belgica resistiu heroica, prodigiosa, toda a raiva das hordas prussianas cahiu sobre ella. Aa humanidade assistiu, após, vibrando commovida, a passagem da tropas de Guilherme II pelo territorio belga, encontrando em cada cidade um tropeço insupportavel. Namour resiste e, finalmente se entrega. Bruxellas é occupada. Seguem-se a batalha de Mallines, a destruição de Louvain, Termonde, Dinant, o cerco de Antuerpia. Pairavam sobre os destinos do paiz, como um flagello terrivel, as palavras de Brenno: *Vae Victis! Ai dos vencidos!* E a heroica nação foi ferida no mais fundo de sua alma. A Belgica industrial, activa, laboriosa, foi literalmente devastada. Fecharam-se as universidades, as fabricas, as escolas, as redacções, as officinas, o commercio. Todo o movimento febril que distinguia esse povo com uma raça laboriosa, honesta, in-

telligente, productora e civilisada cessou como por encanto. O terror dominou tudo. O exodo começou. As populações que não foram massacradas pe'os invasores, correram para as estradas, abandonando a Patria, tontas de desespero e de dor. Mulheres e crianças, camponezes atemorizados, fugiram numa peregrinação dolorosa. E viram se velhos alquebrados, encostados aos seus bastões, outros a muletas, arrastando-se pelas estradas, rumo ao sul, volvendo de quando a quando o olhar apagado para o horisonte, onde se levantava o fumo das povoações incendiadas. E era com a febre do pavor, a nostalgia da Patria, que ficava já muito ao longe, no horisonte distante, a saudade do lar, a lembrança dos mortos cahidos e sacrificados que muita vez, decerto, esses velhos sentaram-se á beira dos caminhos, soluçando de magua. Imagine, quem tiver coração, os dramas intimos desses lares onde nada foi respeitado, nem a honra das donzellas nem os cabellos brances dos velhos. *Ai dos vencidos!* Pobre Belgica reduzida ao silencio! Calaram-se os silvos das suas fabricas, onde, como numa colmeia, operarios trabalhavam para a sua grandesa e prosperidade!

Pelos campos silenciaram as charruas e os arados, o canto suave dos camponezes e raparigas nas vindimas de ceifas felizes! Os carrilhões das torres de Mallines já não bimbam como outrora, sonoramente, comovedoramente, lançando para os céus azues, aos claros brilhos matinaes, ondas turbilhonantes de harmonias tão doces que faziam as almas pensar em Deus, arrastadas nas azas suaves da musica beindicta! Pobre Belgica! Quereis saber a que ficaram reduzidas as cidades belgas? Escutae a descripção de Mallines feita pelo correspondente de um jornal allemão e traduzida pelo Conselheiro Ruy Barbosa em sua conferencia magnifica. Diz elle:

«A mais horrenda furia das batalhas, as scenas mais capazes de cortar o coração nas tragedias da morte, todas as tristezas e agonias da guerra pesam menos na alma do que a phisionomia tumular e a livida immobildade de Mallines, tal como hoje se apresenta á contemplação do observador petrificado. Em toda ella se

extinguíu a vida. A cidade está morta. Os seus sessenta mil habitantes fugiram. As portas escancaradas mostram a escuridão interior das casas. Pelas ruas tudo ermo. Tão vasto é o seu vazio, tão infundo, que os viandantes deteem, sem querer, os passos. Ao longo dellas, de quando em quando, se avistam os soldados allemães que atravessam. Mas... habitantes... nada! Deixaram as casas taes quaes estavam, a comida abandonada sobre as mesas, as capas abandonadas nos vestibulos. Haveria, quem sabe? Vinte moradores em toda a cidade. Serão talvez dez. Não se poderia dizer. Não vi ao todo senão cinco entes humanos: tres mulheres e dois homens que se esgueiravam através da cidade extincta. Na tristeza do dia pardacento eram como phantasmas, como defunctos que sabissem das covas. Um soldado no seu posto de sentinella me contou que dos antigos habitantes da cidade só restavam quatorze. Na frontaria dos predios todas as portas estavam abertas de par em par. Na entrada de uma habitação pendia um chapéo de menina ataviado com fita escarlata. Ao pé uma relojoaria com os relogios sobre as mesas, pelas caixas, pelos estojos. E nem uma viva alma ao perto ou ao longe.» A isso ficaram reduzidas as cidades da Belgica. O bispo de Namour, após haver percorrido as aldeias e cidades de sua diocese, assim se exprime, cheio de amargura:— «Percorremos em pessoa as regiões devastadas e por toda a parte vertemos amargo pranto considerando no espectáculo da ruinação de tantas igrejas, tantas escolas, tantos presbyterios, tantas vivendas, tantas aldeias, que em alguns lugares foram destruidas por batalhas, mas, as mais das vezes pelas chammas dos incendios. Será necessario citar nomes? Dinant, Tamines, Saint Martin, Sorinne, Maurene, Spontin. Hastière, Hermeton, Anthée, Rodemenne, Franchimont, Villiers-en-Fagne, Franssues, Willersie, Bourseigne, Musson, Baranzy, Rosignol, Herbemont, Maissin, Porcheresse, todas essas parochias estão riscadas totalmente da carta da diocese. Mas alem dessas varias localidades que desaparecem da superficie da terra, ainda existem cento e cincoenta onde se executou mais ou menos a obra da

destruição". E Ruy Barbosa, em cuja bella narração me baseio nesta palestra, exclama depois de citar essa pagina do sacerdote belga : — Vistes as ruínas? Vede agora um pouco dos morticínios!" E, estribado em documentos officiaes, nos conta que : — Em Diunant foram assassinados 700 paísanos; em Andennes mortos todos os habitantes e pessoas notaveis; em toda a Belgica Walonia as aldeias ensanguentadas; em Neufchatel 18 fusilados; em Etailles 30; em Houdemont onze; em Bertrix 2; em Saint Leger 11; em Maissin, 10 homens, 1 mulher e 1 rapariga; em Villance 2 homens; em Chaireuse 2 fusilados e dois enforcados; em Antoy 52 pessoas de um e outro sexo fusiladas; em Titign, 150 pessoas assassinadas; em Etbe 300; em Laftreur mataram todos habitantes deixando apenas 17. Mas não foi só morte e destruição que pairaram sobre a Belgica. Assolaram n-a, roubaram-n'a. Foram remettidos para Berlim centenaes de aparelhos scientificos, industriaes, artisticos, agricolas. A próspera Belgica ficou reduzida a uma população de vagabundos esfomeados sobre um montão de ruínas ensanguentadas. E sobre tudo isso, o terror, que é a forma de Governo dos conquistadores. Logo no começo da guerra, por ocasião da occupação de Namour, von Bulow fez uma proclamação em que havia isto: Cada rua será occupada por uma guarda allemã que, em cada uma, apprehenderá 10 refens. Em occorrendo na rua quaesquer disturbios os 10 refens serão sacrificados. O mesmo von Bulow declarou haver consentido as maiores crueldades em Liège e o general von der Goltz durante o seu governo militar aterrorisou o paiz inteiro, pairando como um abutre de agudo bico vulturino, voejando sobre a victima desfallecida. Nada foi respeitado. Nem a religião. Cerca de 50 padres foram assassinados barbaramente, á maneira do cura de Oyembrug, cuja morte tragica nos descreve insuspeito sacerdote austriaco. Rasgaram-lhe o breviario e a batina; escarraram-lhe no rosto; obrigaram-n'o a ficar todo um dia com os braços para o ar; derribaram-n'o, depois pisaram-n'o pelo corpo todo; finalmente o infeliz desmaiou. Então despejaram sobre

elle um balde de agua fria, deram-lhe coronhadas e, por fim, um tiro na cabeça. Os que não fugiram foram na sua totalidade tratados dessa maneira.

Pobre Belgica ! Os allemães occupando-a, seguiram à risca as velhas theorias de Clauzevitz, o patriarcha da sciencia militar germanica. Devastarazm-n'a. Que grande é o peccado da Allemanha ! Nós todos admiramos, senhores, o prodigioso trabalho, a energia, a tenacidade, a confiança desse povo forte que ergueu para lá do Rhe-no essa formidanda organização que é o Imperio Allemão. O trabalho desse paiz, desde a quéda de Bonaparte até Sedan e dahi até nossos dias, é um grande exemplo para os povos e bem mostra o quanto pode a tenacidade de uma raça. Para as nações dominadas pela indolencia, pelo egoismo e pelo vicio, que grande lição a desse povo, cujas energias gravitando em torno de um incommensuravel ideal, armou o immenso perigo que ora pesa sobre a humanidade attonita. Mas, de envolta a esse exemplo, que exemplo frisante a Allemanha nos dá da orientação perversa de sua politica, no ensinamento miserando que ministram ao seu povo os seus escriptores, os seus poetas, os seus philosophos, todos os que representam a autoridade no paiz ! A Allemanha foi de tal forma suggestionada pelos elementos intellectuaes que se julgou o povo escolhido de Deus, o alliado de Deus, o destinado a dominar o universo pela força e pelo rugido dos seus canhões. Os outros povos teriam apenas o direito de submeter-se ao seu Poder. Era um orgulho formidavel, inaudito. O grande Eça de Queiroz faz menção desse facto numa de suas admiraveis chronicas, dizendo espiritualmente que Guilherme II fizera um pacto commercial com Deus para o dominio do Universo, estabelecendo a firma de *Deus & Guilherme* ; depois como achasse incommoda e desageitada a firma, reformou-a para *Guilherme & Companhia*, collocando o divino socio sob obscura inferioridade.

Tal é o orgulho do Kaizer, cuja formula politica Ruy Barbosa definiu parodiando a expressão da crença mahometana: Só o Deus germanico é Deus e Guilherme o seu

propheta!" Esse pensamento obsecou a Allemanha, absorvendo-lhe toda a actividade commercial, industrial, literaria e politica. E porque o Deus prussiano deve ser o unico e Guilherme o seu magno pontifice no Universo, o povo germanico ha longos annos só pensa na guerra, na grande guerra que deveria assegurar ao imperio a sua hegemonia universal. Por isso a guerra alli tem tido os mais fervorosos apostolos, já em Clauzewitz, o velho mestre, já em Bismarck e Moltke, e Guilherme II por fim. O philosopho Hegel exalta os beneficios moraes da guerra. O historiador von Ranke a preconisa como uma grande potencia civilisadora. o poeta von Platen nella enxerga a prova não só da existencia de Deus, como a sua grandesa. Esses ensinamentos eram lentamente inoculados no coração desse povo trabalhador e forte, digno de melhor instrucção e preparou a explosão de 1914. Esses ensinamentos foram o grande peccado do governo allemão que atirou o seu paiz á voragem da carnificina, expondo ao odio das nações civilisadas os milhões de cadaveres que juncam o caminho de Berlim a Pariz. "Na guerra existe a grandeza de Deus" diz o poeta van Platen. Sim, talvez exista, para a raça teutonica, porque Deus é a sombra do homem augmentada na projecção do Infinito. O homem sabe fital-o e accredital-o, segundo a sua exacta semelhança. Por isso as civilisações da Grecia e de Roma fizeram um Deus de cada vicio; as civilisações mais rudimentares renderam culto a deuses antropophagos; o espirito altruistico do renascimento humano soube divisal-o atravez da bondade de Jesus. A ideia de Deus está na razão directa do grau das civilisações humanas e é o reflexo vivo das virtudes e dos vicios de uma raça. Não é, pois, de estranhar que os philosophos e poetas allemães andem a lobrigar o omnipotente com o capacete dos houssards do kaizer, de sabre á bandoleira, de carabina aos hombros, marchando no passo de ganso das tropas allemãs.

E' o Deus da colera, cujos prophetas são os tradistas militares, cujo Messias é Clauzewitz, cujos sacerdotes se chamam von Kluck, von Hinderburg, von Makensie, von der Goltz, von Bullow.

É a divindade cujo furor pairou sobre a Belgica, assolando-a!

Mas a Allemanha hade repudial-o e num futuro proximo em que a paz universal possa ser assegurada, ella tambem com as outras nações hade beijar a chlamyde purissima da divindade suave e doce que paira sobre a humanidade como uma sombra protectora de harmonia e de concordia. O deus da colera, ha muito que agonisa e vae morrer. Conheceis o deus da colera? É a divindade que assolou as primitivas civilisações da India, desencadeando a tempestade furiosa do Mahabarata que estrendou nas margens do Ganges; é o deus negro, funesto do dualismo de Zarathrusta, perpetuamente combatendo pelo triumpho das trevas; é o Jeovah furibundo que saraivou sobre os filisteus e os palacios de Thebas e de Memphes, a chuva maldicta das sete pragas; é Saturno que devorava os proprios filhos; Jupiter que desencadeava os raios mortiferos; Neptuno que sublevava os genios maleficos dos mares tenebrosos; Moloch de Carthago e de Tyro que devorava crianças; Allah, que despejou sobre o occidente a formidanda enxurrada das hordas Arabes que abriram as portas da Hespanha nas columnas de Hercules, sepultando á beira do Chrysus a alma da nacionalidade iberica; é o dens de Tamerlão, de Alexandre, de Attila, de todos os conquistadores e tyrannos até Guilherme II. Mas hade raiar uma aurora de paz e o Deus dos christãos triumphará com a sua doçura infinita. Esse de que nos fala Guerra Junqueiro,

"Que ruge pela bocca enorme do trovão,
Que abençoa o punhal sangrento dos tyrannos,

esse deus agonisa e morre, apaga-se como uma sombra no cosmorama do infinito, á luz vibrante e aggressiva do seculo vinte.

Todos os povos trabalham para isso. Esta guerra terá por consequencia a paz definitiva, por que para isso se empenham, oppondo-se aos aphorismos da philosophia militar germanica, — a França, com a voz de Juarez, Pas-

cal, Alphonse Karr, Quintelete, Vigni, Maupassant, Tillier, e o venerando Anatole France, todos apostolos da paz; a Inglaterra com a palavra ponderada de Channing, Swift; a Italia com a palavra dos genios cosmopolitas; a Russia com a doutrina christã de Leão Tolstoi, o genio universal de Gorki e Dotowesksi; o Brazil com o verbo de Ruy Barbosa, o incomparavel! E nesse futuro, talvez não remoto, em que a Allemanha comprehender as palavras de Frederico II: "se os meus soldados pensassem, nem um só ficaria nas fileiras", a guerra estará extinta na face do globo.

Mas para a certeza da realisação desse ideal foi preciso que a Belgica se sacrificasse pela humanidade. A Belgica foi a predestinada! Já em 1815 foi no seu territorio que a aguia dominadora de Bonaparte soffreu o seu vôo altaneiro e tombou exanime com o sonho incommensuravel que a levara, como um rubro meteoro, pelos céus incendiados de Austerlitz Moscow, Wagram. Foi no territorio da Belgica que, por uma manhã brumosa, Napoleão divisou nas sombras matutinas, o enorme, o extraordinario archanjo da Gloria que desaparecia esvaindo-se lentamente aos seus olhos assombrados de crença! Foi nesses mesmos campos da Belgica que, Napoleão caminhou errante e desorientado como uma aguia ferida, enquanto, "sobre a planicie juncada de cadaveres se estendia a aza vulturina da noite!" E será também na Belgica que se firmará a desejada Paz do universo, porque alli queremos crer, se levantará para sempre o tumulo do imperialismo germanico.

FIM

Errata

Pagina	3,	linha	13,	onde se lê	materealista	—	leia-se	materialista
»	»	»	14,	»	»	»	»	crêm
»	»	»	»	»	»	»	»	sceptismo
»	»	»	33,	»	»	»	»	destes festejos,
»	4	»	8	»	»	»	»	subjugada a Inglaterra;
»	»	»	14	»	»	»	»	elles
»	»	»	23	»	»	»	»	mathematica
»	»	»	26	»	»	»	»	A
»	»	»	39	»	»	»	»	como
»	6	»	5	»	»	»	»	longo
»	»	»	9	»	»	»	»	vinte
»	7	»	18	»	»	»	»	scientificos
»	8	»	5	»	»	»	»	Clauzewitz
»	9	»	38	»	»	»	»	Hindenburg
»	11	»	6	»	»	»	»	Dostoweski.